

A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DA SALA DE AULA NA PROMOÇÃO DO ENSINO BILÍNGUE PARA SURDOS

Bruna Arruda¹
Sandro Portella²

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar as práticas educacionais pedagógicas que se referem à importância da organização do espaço da sala de aula para a promoção do ensino bilíngue para alunos surdos em uma escola especializada em educação de Surdos – CAp/INES. A partir das experiências e práticas aplicadas nas turmas bilíngues de 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, refletimos sobre o potencial da escola como um ambiente possível de estímulos à aquisição de língua e de inserção em práticas sociais, destacado as necessidades e as características da sala de aula bilíngue como um espaço importante na promoção do ensino de/para alunos surdos, como apresentam a LDB (1996), QUADROS, R. M. & SCHMIEDT, M. L.

¹ Professora efetiva do primeiro segmento do Ensino Fundamental (SEF-1) do Departamento de Educação Básica do INES (DEBASI/INES). E-mail: vianna_bruna@yahoo.com.br.

² Professor contratado do primeiro segmento do Ensino Fundamental (SEF-1) do Departamento de Educação Básica do INES (DEBASI/INES). E-mail: sandro_portella@hotmail.com.br.

(2006), e GOLDFIELD (2002). A partir dessa perspectiva, o presente trabalho é desenhado sobre a metodologia de estudos de caso, visando a compartilhar a práxis e os benefícios para o desenvolvimento do aluno surdo na educação básica.

INTRODUÇÃO

Atualmente, como docentes bilíngues, temos percebido a necessidade de estratégias que complementem o ensino, com a utilização do espaço físico da sala de aula como recurso didático e de fixação do aprendizado para o aluno surdo. Com este intuito apresentaremos o espaço da sala de aula, apontando a necessidade de um direcionamento que promova a autonomia, a comunicação, a compreensão, e sobretudo a assimilação conceitual das línguas – Libras e português na modalidade escrita. Nesta perspectiva, divulgaremos as potencialidades do uso de metodologias visuais de ensino para o acesso a um aprendizado significativo. Em pesquisa, Reily (2003) relacionou os benefícios dos materiais expositivos para as crianças surdas e identificou que a utilização de materiais visuais e a língua visual são fundamentais para construir conceitos, significados, sentidos, para o desenvolvimento de forma significativa de sua língua de sinais.

Tivemos como objetivo considerar o processo de desenvolvimento linguístico, social e cognitivo dos alunos, destacando a proposta bilíngue e fundamentando o letramento visual, como apresenta Campello (2007), como fator importante desse processo, tendo em vista principalmente as características do espaço e o uso de estratégias e materiais acessíveis visando ao desenvolvimento dos alunos. Tomamos por base que os alunos surdos dependem de uma experiência visual para adquirir e assimilar as informações, sendo assim, podemos ressaltar que esse processo se inicia pela visualidade e se concretiza no momento da assimilação e da conceituação linguística.

Para um espaço de promoção de ensino bilíngue, percebemos a necessidade de:

- 1) exposições de imagens autênticas³, responsáveis pela associação real dos alunos para conceituar as informações. Cabe ressaltar que essas exposições devem ser gradativas e compatíveis com os conteúdos aplicados pelos docentes;
- 2) caracterizar as salas de aula como espaços de suma importância para o ensino dos conteúdos curriculares e do ensino da língua, através da utilização de murais conceituais⁴, o que se diferencia do uso de murais expositivos;
- 3) apresentação dos conteúdos imagéticos e dos murais conceituais de forma organizada, para que sejam construídas linhas de raciocínio para o aluno surdo. Faz-se necessário que as apresentações dos murais respeitem uma ordem e não sejam acumuladas, causando poluição visual no espaço escolar.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho foi a pesquisa de observação participante, embasada em estudos anteriores e em registros acadêmicos, assim como em reflexões sobre teoria e prática. Assim, a pesquisa foi realizada em duas turmas do Ensino Fundamental de uma escola especializada em surdez.

A turma do 2º ano é caracterizada por 9 alunos, com docência compartilhada, onde o professor 1 atua nas disciplinas de Português, História e Geografia e o professor 2 nas disciplinas de Matemática e Ciências. Nessa turma, ainda há uma professora mediadora, para o atendimento em tempo reduzido a um aluno com Transtorno do Espectro Autista. A turma do 3º ano é composta pelo mesmo número de alunos que a anterior, com a mesma organização de professores com docência compartilhada.

Estrategicamente as salas de aula dessas turmas ficam de frente uma para a outra, e os professores atendem as turmas na maior parte do tempo em horário concomitante, separadamente, portanto, conseguem realizar um trabalho integrado de acordo com a demanda. Durante a realização deste trabalho percebemos o desenvolvimento dos alunos diante das propostas educacionais

³ Sobre a perspectiva de exemplificar conceitos com fatos reais, optamos pela utilização de imagens reais para melhor entendimento dos alunos surdos.

⁴ Utilizamos o termo supracitado para caracterizar a proposta de um mural que objetiva ser produzido juntamente com os alunos (em Língua Portuguesa e língua de sinais) apresentando conceitos, esquemas e conteúdos.

nas quais, em sua maioria, os conceitos eram compartilhados de forma significativa com as composições dos murais e as dinâmicas utilizadas nas turmas.

Ao longo do trabalho, observamos que com essa proposta de ensino diferenciada, com a utilização das duas línguas (Libras e português escrito) concomitantemente nos murais e atividades, foi possível uma gradual e eficaz apropriação do conteúdo, por meio do letramento visual em seu cotidiano. Nesse contexto entendemos letramento visual de acordo com a definição de OLIVEIRA (2006, p.27):

a área de estudo que lida com o que pode ser visto e como se pode interpretar o que é visto. É abordado a partir de várias disciplinas que buscam: estudar os processos físicos envolvidos na percepção visual; usar a tecnologia para representar a imagem visual; desenvolver estratégias para interpretar e entender o que é visto.

Dessa maneira, podemos afirmar que o letramento visual vai muito além da simples oferta de materiais com recursos visuais: esse consiste na capacidade de possibilitar aos alunos surdos a real compreensão do que está escrito por meio de interpretação eficaz. O mesmo ocorre diariamente, durante todas as disciplinas ministradas, e não apenas durante o ensino do português como segunda língua.

A maneira de ensinar a Língua Portuguesa ao aluno surdo, bem como de torná-lo letrado ainda é fonte de diversos debates, devido à dificuldade em se encontrar estratégias eficientes para esse processo. Lebedeff (2007) considera:

Outra dificuldade, encontrada pelas crianças surdas que estão em escolas com acesso à língua de sinais é a artificialização da língua escrita em sala de aula nos anos iniciais de escolarização. As atividades que utilizam a língua escritavolvem, muitas vezes, apenas repetições, reproduções e supergeneralizações.

Nesse ponto, uma das principais tentativas na organização do espaço de sala de aula consiste em romper com diversos paradigmas, possibilitando aos alunos a utilização da língua escrita como

algo que vai muito além de meras reproduções ou repetições sem sentido. Com esse intuito, todos os materiais utilizados são criados em conjunto com os alunos, demonstrando a eles a importância da escrita. Consideramos que há um diferencial entre chegar com um cartaz já pronto e construí-lo com os alunos, pois da segunda maneira conseguimos acompanhar o desenvolvimento, bem como analisar o processo de escrita, observar as assimilações e avaliar o conhecimento de forma individual e coletiva.

Além disso, com essa estratégia, instigamos o interesse dos alunos pela escrita, pois todos querem participar da confecção dos materiais, portanto todos querem aprender cada vez mais, para poderem ser os responsáveis pela confecção.

Compreendemos que tal estímulo ocorre diante da estratégia estabelecida pelos docentes, pois dessa forma estamos estimulando a compreensão de mundo desse aluno surdo, respeitando sua singularidade linguística e sua capacidade visual. A partir da confecção de murais que respeitem a diversidade linguística desses alunos e possibilitem a maior compreensão das informações transmitidas através de imagens, conseguimos despertar o interesse em aprender. Segundo GESUELI e MOURA (2006), o letramento visual é realizado a partir de imagens que se transformam em textos. Assim, a partir do trabalho de reorganização da sala para a transmissão do conhecimento, dissociamos a escrita de algo de difícil compreensão, pois a mesma se insere automaticamente nos murais aqui descritos.

Pensar em uma estrutura bilíngue para a sala de aula possibilita aos professores e alunos rever a ideia da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita como algo massacrante aos alunos surdos. Ao invés de ensinar o português como segunda língua de maneira repetitiva, com atividades em folhas, os alunos passam a reconhecer as palavras do uso diário, com a participação na confecção dos materiais, e sua contextualização com o que está sendo lido, assim as informações construídas em conjunto com o professor durante as atividades em sala apresentam mais sentido.



Figura 1 – Muralis da sala criados junto com os alunos do 3º ano

Isso não significa que a escrita em atividades impressas não apresente sentido ou benefícios, pelo contrário, a proposta aqui é destacar a atuação dos alunos como protagonistas na confecção de atividades e murais, para que tenham mais interesse pela escrita visto que são autores desses materiais.

Essa é também uma forma de exercitar a compreensão do português, pois é através dessa dinâmica (mostrando o sentido do que é escrito), que o exercício deixa de ser cansativo, passando a ser uma atividade mais prazerosa e significativa.



Figura 2 – Muralis confeccionados com os alunos do 2º ano

Percebemos que o letramento visual no cotidiano da sala de aula faz com que os murais e os recursos utilizados se tornem parte do processo de ensino e aprendizagem, em que o aluno busca informações e reforça o que foi aprendido naturalmente e de acordo com seu interesse. A partir da investigação, concluímos sobre o potencial visual de aprendizagem e inserção social dos alunos surdos, destacando a importância da acessibilidade linguística, da formação de professores bilíngues, do uso de materiais visuais elaborados especificamente para os alunos surdos, e da presença de profissionais surdos em contexto escolar.

Segundo QUADROS, R. M. & SCHMIEDT, M. L. (2006, p. 22),

A criança surda é colocada em contato com a escrita do português para ser alfabetizada em português seguindo os mesmos passos e materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes de português. Várias tentativas de alfabetizar a criança surda por meio do português já foram realizadas, desde a utilização de métodos artificiais de estruturação de linguagem até o uso do português sinalizado.

Corroborando a fala das autoras, buscamos um novo modelo de aprendizagem por meio de um ambiente que possa de fato ser identificado como bilíngue, onde os alunos compreendam através das imagens e as relacione com as palavras em português. Nesse contexto, como estratégias, muitas vezes utilizamos representações de imagens dos sinais da Libras, pois mesmo sendo uma língua gestual-visual-espacial e não sendo possível transmitir tal movimento fielmente para o papel, é através da relação imagem-sinal-palavra que o aluno conseguirá dar significado ao que está sendo apresentado.

Ainda considerando o pensamento de Lebedeff (2007), é válido ressaltar que o Decreto no 5.626 (2005) em seu artigo 13º diz:

O ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil, e para os anos iniciais do Ensino Fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Assim, o direito do aluno surdo é garantido e esperava-se que desde 2005 todos os professores da educação infantil, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, do nível médio e do ensino superior, bem como aqueles que possuíssem licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, terminassem a graduação com o conhecimento da Língua Portuguesa como segunda língua para os alunos surdos, assim como o conhecimento da Língua de Sinais Brasileira – Libras.

Portanto se tivessem algum conhecimento a respeito do assunto, seria possível um conhecimento prévio da diferença do processo de ensino-aprendizagem dos alunos ouvintes e dos alunos surdos, e da necessidade visual que esse segundo grupo possui. Sabemos que esse ainda é um processo em construção em que infelizmente a legislação nem sempre é seguida pelas instituições de ensino, porém esperamos que cada vez mais a capacitação ocorra de forma eficaz, para que os professores compreendam a necessidade de respeitar a diferença linguística e a singularidade na forma metodológica de aprendizagem dos alunos surdos sob a perspectiva bilíngue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que tal prática tem estimulado a compreensão dos alunos, que demonstram maior interesse na aprendizagem das palavras, o que reflete assim no entendimento dos conteúdos. Dessa forma, percebemos que o letramento visual no cotidiano de sala de aula, com uso dos murais e outros recursos tornam parte do processo de aprendizado, em que o aluno busca informações e reforça o que foi aprendido.

A partir da investigação, concluímos sobre o potencial visual na aprendizagem e na inserção social dos alunos surdos, destacando a importância da acessibilidade linguística, da formação de professores bilíngues, do uso de materiais visuais elaborados, especificamente para alunos surdos, e da presença de profissionais surdos em contexto escolar.

Acreditamos assim, ter percorrido um excelente caminho com o desenvolvimento do trabalho, respeitando as diferenças

linguísticas, sem esquecer a importância do desenvolvimento do português como segunda língua. Além de possibilitar aos alunos a funcionalidade dessa aprendizagem.

Destacamos ainda a necessidade de pesquisar sobre o espaço da sala de aula no contexto da surdez, pois esta temática envolve metodologias de ensino, estratégias e recursos didáticos às quais muitos professores necessitam ter acesso.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____, MEC. Decreto n. 5.626 – Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o Art. nº 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005.

CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia visual/Sinal na Educação dos Surdos. Em QUADROS, R. M. & PERLIN, G. (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 200. p. 100-131.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 3. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002. (Trabalho original publicado em 1997).

GESUELI, Z. M. & MOURA, L. de. Letramento e surdez: a visualização das palavras. In: *ETD – Educação Temática Digital*. Campinas, v. 7, n. 2, p. 110-122, jun. 2006. p 110-122.

LEBEDEFF, T. B. Análise das estratégias e recursos surdos utilizados por uma professora surda para o ensino de língua escrita. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 24, p. 139-152, 2007b.

OLIVEIRA, S. Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 15-39, jan./jun., 2006.

QUADROS, R. M. de; Schmiedt, M. L. P. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

REILY, L. As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Orgs.). *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*. São Paulo: Editora Plexus, 2003.

